

NÚMERO 53



IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

---

## Vinculação a Pais, Pares e Professores – estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico

Teresa Sousa Machado<sup>1</sup> & Tânia Figueiredo<sup>2</sup>

O período do meio da infância – período de latência – tem sido menos investido no âmbito dos estudos da vinculação. Todavia, tarefas normativas como a adaptação escolar são essenciais para o desenvolvimento nestas idades e parecem exigir competências psicossociais que são influenciadas pela vinculação aos cuidadores principais. Na escola, pares e professores podem também assumir papéis significativos – complementares aos pais – funcionando aí como ponto de referência ou apoio. O presente trabalho apresenta dados preliminares da adaptação e validação de três versões – Pais, Pares e Professores – do IPPA-R (*Inventory of Parent and Peer Attachment*, de Armsden & Greenberg), a crianças entre os 9 e 11 anos. Os três instrumentos de auto-relato – cada um com 25 itens – passados a uma amostra de 254 crianças do ensino Público e Privado/cooperativo, apresentam estrutura factorial semelhante entre si, composta por três sub-escalas. As qualidades psicométricas encontradas e a facilidade de aplicação sugerem que se tratam de instrumentos adequados para avaliar a segurança da relação a figuras significativas nestas idades.

PALAVRAS-CHAVE: vinculação, IPPA (Pais, Pares, Professores), crianças

### 1. Introdução

Vincular-se a alguém constitui um processo vital, desde o início da vida, e a possibilidade de manter uma vinculação segura ao longo do desenvolvimento, particularmente nos primeiros anos, forma alicerces para uma representação de si como digno de apreço, e do mundo como suficientemente seguro para nele se poder lançar. Na infância as relações pais-filhos são o contexto da construção da vinculação sendo esta encarada em termos relacionais; no adulto, a segurança é vista já como uma característica da pessoa (Thompson, 2008). A teoria da vinculação procura compreender de que modo – ao longo do desenvolvimento – as facetas das relações significativas são incorporadas na personalidade.

---

1 Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra - tmachado@fpce.uc.pt

2 Colégio Nossa Senhora da Assunção – Anadia;

É a partir das rotinas relacionais com uma figura que se torna progressivamente significativa que o bebê vai construindo expectativas de como será tratado e de como influencia o outro (despoletando-lhe respostas) (Bowlby, 1984/1964); expectativas que sedimentam as representações que se organizam segundo modelos internos dinâmicos do *self* e das relações (Cassidy, Scolton, Krisk, & Parke, 1996). Nos termos de Bowlby (1956), da dependência fundamental inicial constrói-se a independência necessária para um funcionamento equilibrado, para além das fronteiras do lar (i.e. para além das relações primárias). Noutros contextos significativos (e.g. creche ou escola), outras tarefas desenvolvimentais serão melhor conseguidas quando o sujeito dispõe de recursos psicológicos que o capacitam para se “abrir ao exterior”, sem contudo perder a sua individualidade. Se considerarmos cada novo contexto relacional como uma nova *Situação Estranha* (metaforicamente referindo-nos ao paradigma de observação criado por Ainsworth), o ingresso numa nova fase de estudos, pelas exigências que coloca, exige readaptações que o sujeito mais flexível (i.e. o *seguro*) consegue facilmente enfrentar. Apresentamos neste trabalho as análises de três versões (Pais, Pares e Professores) da escala de vinculação IPPA-R (*Inventory of Parent and Peer Attachment*), para crianças entre os 9 e 11 anos. Estes instrumentos, para além das representações aos Pais, permitem avaliar a qualidade da representação aos Pares e Professores (figuras que se podem assumir como significativas em contexto escolar).

## 2. Vinculação ao longo da infância

Bowlby encontrou na etologia bases que justificam o carácter de necessidade da vinculação e, correlativamente, dos comportamentos e expressões de emoções que fazem parte do repertório do recém-nascido e que desencadeiam – *naturalmente* – as respostas do cuidador (Grossmann, Grossmann & Waters, 2005; Rholes & Simpson, 2004). Ao longo do primeiro ano, os cuidadores primários tornar-se-ão progressivamente diferenciados (i.e. individualizados) na mente da criança – o desenvolvimento da capacidade de representação permitindo o que Piaget designa de “interiorização da acção” (Bretherton, 2005; Piaget, 1986). Neste sentido, reforça-se a tese de Bowlby de que as representações construídas derivam de “experiências reais” da vida (o que o levará, aliás, a questionar um dos fundamentos da sua formação psicanalítica: a preponderância da *fantasia* no desenvolvimento da psicopatologia) (in Machado, 2009).

Ao longo da infância a qualidade da comunicação, no contexto das relações de vinculação, continua a influenciar a (in)segurança da criança e eventuais ameaças à disponibilidade e responsividade do cuidador podem predispor à perturbação